

Teste pela saliva será vendido no País em agosto

Pesquisas para a comprovação do método, já aprovado nos EUA, estão sendo feitas na USP

HELIANA NOGUEIRA

O novo tipo de teste Elisa, que identifica o HIV pela saliva, deverá começar a ser utilizado em todo o Brasil a partir de agosto. Já estão sendo realizadas pesquisas para comprovação do método — aprovado nos Estados Unidos pela Administração de Drogas e Alimentos (FDA) — no Departamento de Patologia Oral da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP).

“Obtivemos o registro no Ministério da Saúde em fevereiro”, afirmou o cirurgião-dentista Fábio Gonçalves, dono da empresa Top Consult, que fechou acordo com a empresa norte-americana Murex, fabricante dos kits aprovados pela FDA.

“O teste já é comprovado por trabalhos científicos em vários lugares do mundo, mas gostaríamos de ter uma pesquisa aqui”, explicou Gonçalves. Em um tubo de ensaio é feita a coleta de saliva. Em seguida a amostra é enviada para um laboratório especializado e credenciado para a realização do teste, que apresenta confiabilidade de 99%, segundo Gonçalves. O resultado do teste — com custo estimado em R\$ 25,00 — pode ser obtido no mesmo dia.

De acordo com a coordenadora da pesquisa na USP, Marina Helena de Magalhães, após o término da pesquisa, feita com cerca de 240 pessoas portadoras e não-portadoras, o método será divulgado. Em seguida será realizado o treinamento do pessoal de saúde. “Não se trata de um teste caseiro ou spot test”, explicou Gonçalves. “Os kits serão utilizados apenas em clínicas, consultórios médicos e odontológicos e hospitais.”

Na 11ª Conferência Internacional sobre Aids, em Vancouver, houve grande discussão sobre a venda dos testes em farmácias, de acordo com ele. “Queremos que um profissional de saúde dê o resultado ao possível portador do vírus”, afirmou. Em sua opinião, o teste feito em farmácias teria eficácia duvidosa, como ocorre com os testes para gravidez. “Outro ponto importante é que os casos de positividade serão notificados”, acrescentou.

Cada coletor terá um código de barras e o controle servirá para que sejam feitas amostragens, de acordo com Gonçalves. “Poderemos, por exemplo, realizar o teste em um grande número de pessoas de um município para saber a porcentagem de pessoas com o vírus”, explicou. “Isso permitirá um estudo epidemiológico bastante confiável.”